

NIETZSCHE E TURGUÊNIEV: PARA UMA GENEALOGIA DO NIILISMO

Vitor Cei

Doutorando em Literatura Comparada – Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Analisa as ressonâncias do niilismo na obra de Ivan Turguêniev, refletindo sobre sua constituição histórica, seus valores e conseqüências para a modernidade. O referencial teórico da pesquisa é o pensamento de Friedrich Nietzsche, filósofo que caracterizou o niilismo como um princípio desorganizador que arruína as instituições e valores. O *nihil* (nada) prevalece, gerando ressentimento, declínio, desnorteamento, incapacidade de avançar e criar novos valores. A leitura das obras de Nietzsche e Turguêniev há de apontar para as possibilidades abertas ao pensamento filosófico pela literatura.

Palavras-chave: Ivan Turguêniev – *Pais e filhos*. Friedrich Nietzsche – Filosofia e Literatura. Niilismo – Tema literário.

Abstract: This paper analyses the resonances of nihilism in the work of Ivan Turguêniev, thinking about its historical nature, its values and consequences to modernity. The theoretical system of references is based on Nietzsche's philosophy, author that characterizes nihilism as a disorganizer principle that ruins values and institutions. The *nihil* (nothingness) prevails, generating resentment, decay, inability to progress and create new values. The reading of Nietzsche's and Turguêniev's books can indicate the possibilities opened to the philosophical thinking by the literature.

Keywords: Ivan Turguêniev – *Fathers and sons*. Friedrich Nietzsche – Philosophy and Literature. Nihilism – Literary Theme.

O campo recepcional da obra de Ivan Turguêniev (1818-1883) no Brasil ainda é muito restrito, em descompasso com a sua reconhecida importância para a história da literatura universal. Primeiro escritor russo a conquistar fama na Europa ocidental, contumazmente ele ocupa posição secundária no cânone, sendo ofuscado pelos compatriotas Dostoiévski e Tolstói.

Os leitores da obra de Turguêniev, que não se limitam à chamada crítica especializada, encontram-se em diversos campos disciplinares, muitas vezes buscando a obra do escritor russo para estudos intertextuais, freqüentemente em perspectiva filosófica e em diálogo com o pensador alemão Friedrich Nietzsche, consoante a nossa proposta.

De nossa parte, buscamos identificar algumas das possibilidades abertas ao pensamento filosófico pela obra *Pais e filhos*, de Turguêniev, tendo em vista um tema que desde o século XIX provoca polêmica entre críticos e pensadores: o niilismo. Referenciando-nos na noção de niilismo apresentada por Nietzsche, nosso objetivo geral é traçar o esboço de uma genealogia do niilismo a partir da investigação de suas ressonâncias detectadas na prosa do romancista russo.

Que conceitos de niilismo seriam pertinentes para a fundamentação interpretativa da narrativa de Turguêniev? Em que sentido a prosa do autor russo pode ser caracterizada como niilista? Que concepções de homem, mundo e vida a leitura de sua obra permite vislumbrar? Tais são as questões que ora nos convidam e reúnem a pensar.

Considerando-se o estatuto ficcional da linguagem do escritor russo, não buscamos a simples aplicação instrumental de conceitos filosóficos na análise da obra literária. Uma interpretação desta natureza, externa à ficção, só poderá vir a constatar que na obra de Turguêniev ou de qualquer outro escritor os conceitos não correspondem exatamente aos originais. Nosso objetivo é, pois, efetuar um exame crítico das ressonâncias do niilismo na estrutura interna da prosa do romancista.

Como ensina Benedito Nunes (autodeclarado híbrido de crítico literário e filósofo), não se deve aplicar a filosofia ao conhecimento da literatura, na tentativa de uma pretensa crítica filosófica, tampouco se deve fazer da literatura um instrumento de figuração de teorias, reduzindo o exercício crítico à paráfrase do pensamento de filósofos. Nunes propõe, sob o foco prioritário da estrutura narrativa da obra literária, a busca da verdade da obra enquanto ficção: “Nada melhor do que o seu *modus operandi*, o seu *como*, para nos dar uma ideia da exigência de verdade que a norteia” (NUNES, 1993, p. 198).

O nosso trabalho crítico-teórico se encaminhará a partir do procedimento metódico elaborado por Nietzsche, o mais adequado à sua teoria da interpretação: a genealogia (NIETZSCHE, 1998). Este método de pesquisa é capaz de pensar os conceitos e as coisas de um ponto de vista histórico “efetivo”, isto é, que investiga as condições de surgimento dos valores, tendo em vista o questionamento da origem da própria interpretação histórica dos valores.

Nas palavras de Michel Foucault, leitor de Nietzsche: “A história ‘efetiva’ se distingue daquela dos historiadores pelo fato de que ela não se apóia em nenhuma constância: nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles” (FOUCAULT, 2010, p. 27).

A genealogia procede como um estudo da proveniência dos valores de uma determinada época, que busca compreender o valor dos valores, isto é, quais são os seus interesses, o que eles instauram, que concepção de homem, mundo e vida estes valores promovem. A pergunta genealógica é: como ocorre, qual é a origem e a finalidade da interpretação histórica do valor da existência?

O genealogista deve buscar saber de onde provem seu objeto de estudo, traçar a história de suas mudanças de sentido e apontar para cada emergência de um novo uso do mesmo termo. É necessário marcar a historicidade dos acontecimentos, contra a tradição histórica que acredita num desenvolvimento progressivo e linear, buscando sempre a gênese de um estado original e puro. Maria Antonieta Borba explica que a história, genealogicamente dirigida, é perspectivista, rejeita a profundidade e traz consigo a negação da origem:

A rejeição à idéia de origem, a descrença na consciência do sujeito, a recusa à profundidade do discurso, a valorização deste discurso em sua materialidade constituem alguns dos aspectos indicadores da noção de linguagem possuidora de uma ordem própria e a de signo como algo que já se oferece como interpretação, noções essas que são fundamentais à questão da interpretação em Nietzsche (BORBA, 2004, p. 192).

Sob investigação genealógica, revela-se todo valor como histórico e culturalmente emergente em configurações de poder, isto é, como interpretações, sejam de indivíduos, grupos, sociedades ou civilizações. Por isso, é importante enfatizar o caráter perspectivista desta pesquisa, assim como o de toda interpretação em geral.

Desconfiando de todo e qualquer dogmatismo, Nietzsche avança posições para imediatamente colocá-las em questão. Pondo sob suspeita toda e qualquer certeza, apresenta ideias para fazer experimentos com o pensar. No entanto, o perspectivismo e a

recusa à profundidade não implicam num pluralismo do tipo “vale tudo”. O genealogista, para praticar esta arte da interpretação, deve ser metuculoso e paciente:

É certo que, a praticar desse modo a leitura como *arte*, faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido – e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam “legíveis” –, para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e *não* um “homem moderno”: o *ruminar*... (NIETZSCHE, 1998, p. 15).

A cor da genealogia é o “[...] *o cinza*, isto é, a coisa documentada, o efetivamente constatável, o realmente havido, numa palavra, a longa, quase indecifrável escrita hieroglífica do passado moral humano!” (NIETZSCHE, 1998, p. 13).

Considerando-se a genealogia como o método mais adequado à teoria da interpretação de Nietzsche, apropriamo-nos dela para investigar um problema filosófico e literário fundamental para a compreensão da literatura e da filosofia do século XIX: o niilismo, assunto que ora nos convida e reúne a pensar.

Segundo Martin Heidegger, a história do ocidente é configurada pelo niilismo — história da desvalorização dos valores: o mundo supra-sensível, Deus, a lei moral, a autoridade da razão, a ideia de progresso, a cultura e a civilização perdem sua força construtiva e se anulam:

Niilismo é aquele processo histórico por meio do qual o domínio do “supra-sensível” se torna nulo e caduco, de tal modo que o ente mesmo perde o seu valor e o seu sentido. Niilismo é a história do próprio ente: uma história por meio da qual a morte do Deus cristão vem à tona de maneira lenta, mas irremediável. Pode ser que ainda se acredite nesse Deus e que ainda tomemos seu mundo por “real”, “eficaz” e “normativo”. Isso é similar àquele processo por meio do qual o brilho de uma estrela que se apagou há milênios continua reluzindo, mas permanece, contudo, uma mera “aparência” com essa refulgência. Com isso, o niilismo não é, para Nietzsche, de maneira alguma um ponto de vista “defendido” por uma pessoa qualquer, nem tampouco um “dado” histórico arbitrário entre muitos outros, que se pode documentar historiograficamente. O niilismo é muito mais aquele acontecimento apropriativo de longa duração, no qual a verdade sobre o ente na totalidade é transformada essencialmente e é impelida para um fim por ela determinado (HEIDEGGER, 2007, p. 23).

O niilismo no sentido estrito, enquanto conceito e problema teórico surgiu na Europa dos oitocentos. No século XIX, decadência, pessimismo e niilismo eram termos de

freqüente circulação entre escritores, críticos e filósofos europeus. Supostamente, o primeiro a fazer um uso filosófico da palavra niilismo foi Fr. H. Jacobi, que assim caracterizou o idealismo alemão: “Verdadeiramente, meu caro Fichte, não deve me aborrecer se o senhor, ou quem quer que seja, quiser denominar *quimerismo* aquilo que contrapôs ao idealismo, que deploro como niilismo...” (JACOBI, apud HEIDEGGER, 2007, p. 21).

Na Rússia oitocentista o termo niilismo surgiu como uma tentativa de definição para grupos revolucionários em luta contra o czarismo. Era uma palavra em voga, usada por jornalistas e romancistas da época para designar e denegrir um movimento de rebelião contra a ordem estabelecida, o atraso, o imobilismo da sociedade e os seus valores.

O conceito ganhou ressonância na obra de Turguêniev, que popularizou a palavra niilismo com sua obra *Pais e filhos*, romance político escrito no momento em que a Rússia vivia tardiamente – se comparada aos países da Europa ocidental – a tensão entre um mundo feudal em crise e uma modernidade em processo de gestação.

O projeto de modernização se realizou com uma série de grandes projetos de construções – pontes, canais, edifícios, indústrias, ferrovias e estradas. Como conseqüências ocorreram intensos movimentos de pessoas – êxodo rural, migrações entre países e continentes. Populações inteiras foram expulsas de seus locais de origem, obrigadas a habitar nas periferias do sistema.

Karl Marx e Friedrich Engels resumiram, no *Manifesto do Partido Comunista*, os abalos que a modernização burguesa provocou no planeta, mostrando ao mesmo tempo o impulso revolucionário do capitalismo e seus efeitos funestos, pensando dialeticamente o capitalismo como um progresso e uma catástrofe simultâneos:

Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas. Dilacerou impiedosamente os variegados laços feudais que ligavam o ser humano a seus superiores naturais, e não deixou subsistir de homem para homem outro vínculo que não o interesse nu e cru, o insensível “pagamento em dinheiro”. Afogou nas águas gélidas do cálculo egoísta os sagrados frêmitos da exaltação religiosa, do entusiasmo cavaliereisco, do sentimentalismo pequeno-burguês. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca e no lugar das inúmeras liberdades já reconhecidas e duramente conquistadas colocou a liberdade de comércio sem escrúpulos. Numa palavra, no lugar da exploração mascarada

por ilusões políticas e religiosas colocou a exploração aberta, despudorada, direta e árida (MARX; ENGELS, 2001, p. 47-48).

A burguesia, com sua prática desenvolvimentista, agindo como um torvelinho em perpétua desintegração e renovação, convertendo o tempo em dinheiro, provocou a constante sublevação e renovação de todos os modos de vida pessoal e social, profanando e dissolvendo os valores anteriormente estabelecidos. Assim nasceu o niilismo.

O romance de Turguêniev, que tem como base o conflito entre gerações, está voltado para o advento da racionalidade burguesa no período em que a sociedade russa importava os valores da modernidade européia: “Uma rebelião contra a ordem estabelecida, o atraso, o imobilismo da sociedade russa; um conflito entre gerações, valores, perspectivas; um furor iconoclasta que demole ídolos e antigas certezas” (PECORARO, 2007, p. 13).

O olhar com que Turguêniev penetra nos meandros da sociedade russa de seu tempo mostra a decomposição do sistema feudal, com a permanência da estrutura social assimétrica e injusta. Prevalece o egoísmo das classes dirigentes e a disparidade das relações sociais. A narrativa expressa a laceração na qual afundava o mundo no século XIX, tornando-o uma era de decadência em que ganha primazia o niilismo enquanto princípio desorganizador que arruína as instituições e valores.

A polêmica em torno de *Pais e filhos* se deve à sua ambigüidade, visto que o romance não faz uma defesa explícita da antiga geração frente aos jovens, tampouco enaltece o niilismo:

Turguêniev lembra nas suas memórias que utilizou o termo não no sentido de uma reprovação, nem com o intuito de mortificar, mas sim como expressão precisa e exata de um fato real e histórico. O efeito, porém, não foi o esperado; e o termo niilista transformou-se em um instrumento de condenação, em um estigma de infâmia (PECORARO, 2007, p. 15).

No início da narrativa de *Pais e filhos*, o estudante Arkádi Kirsánov retorna à casa do pai em companhia de seu amigo Ievguêni Bazárov, estudante de medicina de origem

plebéia autodeclarado niilista. Nikolai Petróvitch Kirsánov, aristocrata da velha geração, divide-se entre a alegria pela presença do filho e a melancolia pelo problema de administrar as suas terras após a libertação dos servos.

Arkádi e Bazárov representam a intelectualidade emergente, formada principalmente por universitários provenientes das classes mais abastadas. Frustrados com os lentos avanços das reformas modernizantes, fascinavam-se com o positivismo de Comte. Como teoria do saber, o positivismo nega-se a admitir outra realidade que não sejam os fatos e a investigar outra coisa que não sejam as relações entre os fatos. A ciência então era considerada o único conhecimento possível e, por conseguinte, único guia da vida individual e social do homem.

Arkádi e Bazárov seguem preceitos positivistas, quando consideram que o método da ciência, por ser o único válido, deve ser estendido a todos os campos de indagação e da atividade humana: “Um químico honesto é vinte vezes mais útil do que qualquer poeta — interrompeu Bazárov” (TURGUÊNIEV, 2004, p. 52).

Sendo o método científico puramente descritivo, limita-se a descrever os fatos e mostrar as relações constantes entre os fatos expressos pelas leis, que permitem a previsão dos próprios fatos: “Qualquer homem é capaz de entender até como o éter vibra e o que se passa no sol; mas, como outro homem pode assoar o nariz de um jeito diferente do seu, isto ele não consegue entender” (TURGUÊNIEV, 2004, p. 214).

Bazárov, ao associar a crença no progresso científico a um profundo pessimismo em relação à cultura, à sociedade e ao desprezo em relação ao *status quo*, provoca um conflito familiar significativo. Como agravante da situação, na Rússia da época ainda vigorava o *ethos* aristocrático para o qual o saber era apenas verniz, não instrumento de conhecimento e ação. O sentimento de mal-estar é expresso no diálogo de surdos entre Arkádi Kirsánov, seu pai e seu tio Pável Petróvich, durante uma refeição:

— Niilista, disse Nicolai Petróvich. — Vem do latim *nihil*, nada, até onde posso julgar; portanto essa palavra designa uma pessoa que... que não admite nada?

— Digamos: que não respeita nada — emendou Pável Petróvich e novamente se pôs a passar manteiga no pão.

— Aquele que considera tudo de um ponto de vista crítico — observou Arkádi.

— E não é a mesma coisa? — indagou Pável Petróvich.
— Não, não é a mesma coisa. O niilista é uma pessoa que não se curva diante de nenhuma autoridade, que não admite nenhum princípio aceito sem provas, com base na fé, por mais que esse princípio esteja cercado de respeito.
— E o que há de bom nisso? — interrompeu Pável Petróvich.
— Depende, titio. Para uns é bom, mas para outros é péssimo. (TURGUÊNIEV, 2004, p. 46-47).

Turguêniev caracteriza os niilistas como aqueles que negam tudo aquilo que é fundado sobre a tradição, sobre a autoridade ou sobre qualquer outra validade definida. O personagem Bazárov seria o niilista por excelência. Apesar de afirmar que não se dedica a causa alguma, ele engaja-se num conflito de gerações. Antagonista da velha aristocracia russa, Bazárov busca uma sublevação e renovação de todos os modos de vida, pessoal e social, profanando e dissolvendo os valores anteriormente estabelecidos:

Princípios não existem absolutamente, será que você não percebeu isso até agora? Só existem sensações. Tudo depende delas. [...] Eu, por exemplo: adoto uma atitude de negação por causa da sensação. Tenho prazer em negar, o meu cérebro está constituído deste modo, e *basta!* (TURGUÊNIEV, 2004, p. 195).

Nietzsche, posteriormente, se apropria da palavra e, de acordo com Franco Volpi (1999), torna-se o primeiro grande teórico do assunto e autor a partir do qual a reflexão filosófica sobre o problema alcançou o seu mais alto grau. “Que significa niilismo? — Que *os valores supremos desvalorizem-se*. Falta o fim; falta a resposta ao ‘Por quê’” (NIETZSCHE, 2008, p. 29).

Ponto culminante da lógica inerente à modernidade, o niilismo é o mais inquietante e perturbador de todos os hóspedes, fenômeno que promove e acelera o processo de destruição dos valores, gerando incerteza, ressentimento, regressão, declínio, desnorteamento, incapacidade de avançar e criar novos valores. No fragmento póstumo “O Niilismo Europeu”, o pensador alemão afirma: “Essa é a mais extrema forma do niilismo: o nada (o “Sem-Sentido”) eterno” (NIETZSCHE, 2005, p. 57).

O *nihil*, isto é, o nada, prevalece. Acontece um descomunal de esgotamento dos valores e dos ideais que sustentavam todas as esferas de atividades humanas no mundo ocidental: artes, política, economia, metafísica, estética, ciência, moral, religião e até mesmo o chamado “senso comum”, que orienta os hábitos cotidianos das pessoas. “A

visão do homem agora cansa – o que é hoje o niilismo, se não *isto?*... Estamos *cansados* do homem...” (NIETZSCHE, 1998, p. 35).

Nietzsche, ao longo de suas reflexões fragmentárias, em estilo aforismático e perspectivista, analisa o problema do niilismo em suas nuances, apresentando quatro conceitos fundamentais: “niilismo completo”, “niilismo incompleto”, “niilismo ativo” e “niilismo passivo”.

O niilismo passivo, presente na prosa de Turguêniev, é hóspede de sociedade que se encontra desestruturada e em conflito, caracterizando a perda do sentido dos valores estabelecidos. Motivo de ressentimento, regressão e declínio, é incapaz de criar novos valores. Nessa conjuntura encontra-se a juventude russa representada em *Pais e Filhos*. Enquanto os mais velhos ancoram-se nos antigos valores, os jovens negam tudo e não preconizam nada: “Resolvemos não nos dedicar a coisa nenhuma — repetiu Bazárov, com ar soturno” (TURGUÊNIEV, 2004, p. 88).

O niilismo incompleto, por sua vez, é aquele em que os novos valores estão ocupando o mesmo lugar dos anteriores, isto é, preservando o ideal supra-sensível e a crença na dualidade do mundo. Por exemplo, o homem moderno havia quebrado os ídolos religiosos em nome da autonomia da razão; entretanto, a humanidade continuou desvalorizando a vida em nome de valores abstratos e superiores (Bem, Mal, Verdade, Falsidade, Justiça, Virtude) oriundos da velha metafísica platônica. De certo modo, é o que acontece com os jovens niilistas russos, que trocam os valores tradicionais pelos ideais positivistas.

O niilismo incompleto é alimentado pelos pensadores e poetas que criticam o projeto moderno com o intuito de rejuvenescê-lo, aprimorá-lo ou reformá-lo. Nietzsche, em contrapartida, quer superar o projeto moderno a partir de uma tresvaloração de todos os valores. Assim teríamos o niilismo completo.

O niilismo completo revela-se como niilismo ativo, aquele que promove e acelera o processo do crepúsculo dos ídolos, isto é, a tresvaloração de todos os valores, solapando os antigos princípios: “Destruímos porque somos uma força [...] Sim, uma força que não tem de prestar contas de nada”, afirma Arkádi (TURGUÊNIEV, 2004, p. 89).

Todavia, a tresvaloração de todos os valores significa não apenas destruir os antigos valores, mas também o próprio espaço que ocupavam, o do mundo ideal, pretensamente verdadeiro. Assim, alcança-se a possibilidade de se completar o niilismo e ganhar a condição necessária à instauração de novas maneiras de avaliar.

Bazárov e seu discípulo Arkádi buscam um começo radical, um outro caminho a partir de si mesmos. Entretanto, a narrativa mostra que ambos, em busca desse caminho próprio, demonstram impotência frente à vida, análoga à impotência da ciência frente a sentimentos contra os quais a razão não consegue dominar: “Nossas ações se fundamentam naquilo que julgamos útil — declarou Bazárov. — Nos tempos atuais, o mais útil é a negação: nós negamos” (TURGUÊNIEV, 2004, p. 84-85).

Bazárov, ao compreender o mundo a partir do ponto de vista exclusivo de seu próprio interesse, expõe a ambivalência entre ideário burguês e feudalismo inscrita na conduta dos grupos sociais russos do século XIX: “E, quanto à época, por que eu deveria depender dela? É melhor que a época dependa de mim”, afirma Bazárov (TURGUÊNIEV, 2004, p. 62).

O modo de ser do personagem dá a entrever uma vida marcada pela inação típica dos niilistas, suplantando o “espírito positivo” comteano apregoado pelo universitário. O narrador, atento à feição ornamental do positivismo na Rússia de sua época, mostra que a importação das ideias modernas resultou em anulação do potencial reflexivo, restando apenas a sedução dos ornamentos.

As ideias eram transformadas em “signo de distinção”, para separar os filhos dos pais. A adesão às perspectivas intelectuais dos grandes centros e de seus nomes de prestígio, com seus projetos modernizadores, na maioria das vezes era fruto do fascínio que visava apenas reconhecimento e engrandecimento intelectual.

Podemos encontrar outras contradições no comportamento de Bazárov: nega os valores aristocráticos, mas hospeda-se na propriedade rural de um aristocrata e desfruta do seu conforto; recusa o amor romântico, mas apaixona-se; não crê na religião, mas aceita a extrema unção.

As contradições supracitadas vão ao encontro dos paradoxos históricos da formação da Rússia moderna, com as tensões entre as distintas gerações e o descompasso temporal em que conviviam o pré-moderno e o moderno nos oitocentos. A importância da obra de Turguêniev está na configuração ficcional de um problema emergente na época e que até hoje não tem solução: “A respeito do niilismo, sustentamos a mesma convicção válida para todos os verdadeiros problemas filosóficos: eles não têm solução, mas história” (VOLPI, 1999, p. 10).

O século XIX, com suas diversas rupturas, ausências e mortes (de Deus, da arte, da filosofia), foi o século do niilismo. Este artigo mostrou evidências que apontam para as origens do niilismo para, a partir daí, esboçar sua genealogia e mostrar as diversas formas de como o fenômeno foi tratado e interpretado por Turguêniev e Nietzsche.

Diante do problema, as interfaces literatura/filosofia e Turguêniev/Nietzsche têm muito a nos dizer. Com as possibilidades abertas ao pensamento filosófico pela literatura, a crítica literária pode ser um contraponto ao niilismo e à indigência intelectual que até hoje predomina.

Referências

BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. *Tópicos de teoria para a investigação do discurso literário*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche II*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. O Niilismo Europeu: Lenzer Heide. Tradução de Oswaldo Giacoia Jr. *Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução*, Campinas, n. 3, p. 55-61, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A vontade de poder*. Tradução de Marcos Fernandes e Francisco Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

NUNES, Benedito. *No tempo do niilismo e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1993.

PECORARO, Rossano. *Niilismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e filhos*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

VOLPI, Franco. *O niilismo*. Tradução de Aldo Vannuchi. São Paulo: Loyola, 1999.

Recebido em 31/03/2011
Aprovado em 06/05/2011